



Handwritten signature and initials

MUNICÍPIO DE ALMEIDA
ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE ALMEIDA
SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DE 25 DE ABRIL DE 2026
ATA N.º 05/2026

ABERTURA

Ao vigésimo quinto dia do mês de abril do ano de dois mil e vinte e seis, no átrio dos Paços do Concelho, sito na Praça da Liberdade, na freguesia e município de Almeida, procedeu-se à abertura solene das comemorações oficiais, pelas dez horas da manhã. O ato foi presidido pelo Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, Senhor Manuel José Fernandes Gomes, com o hastear da Bandeira Nacional e entoação do Hino Nacional. A cerimónia contou com a presença de individualidades convidadas, da Fanfarra da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Almeida, do Grupo de Recriação Histórica Municipal de Almeida (GRHMA), bem como dos digníssimos membros da Assembleia Municipal e do público em geral.

Seguidamente, a solenidade prosseguiu para o Salão Nobre onde se realizou a sessão solene comemorativa do quinquagésimo segundo aniversário do 25 de abril de 1974, reunindo-se a Assembleia Municipal de Almeida, conforme convocatória do dia dezasseis de abril em sessão extraordinária pelas dez horas e vinte minutos, presidida por Manuel José Fernandes Gomes, Presidente da Mesa da Assembleia Municipal, Mariana de Almeida Estevão, na qualidade de Primeiro Secretário e Beatriz Marques Monteiro André, na qualidade de Segundo Secretário.

AUSÊNCIAS e PRESENÇAS

O Presidente da Mesa da Assembleia mandou proceder à chamada dos senhores deputados e Presidentes de Junta e Uniões de Freguesia.

Relativamente à composição da Assembleia Municipal em matéria de pedidos de substituições ao abrigo dos artigos 78.º e 79.º da Lei n.º 169/99 de 18 de setembro, mantida em vigor pela Lei n.º 75/2013, de 12 de setembro, a Senhora Tânia Sofia Martins Martinho foi

substituída nos termos legais e regimentais pela Senhora Catarina Sofia Leitão Morgado, cidadã eleita pelo Partido Socialista.

A Senhora Presidente de Junta de Freguesia de Almeida, Sónia Carvalho Pereira de Jesus Cunha solicitou a sua substituição pela Tesoureira, Patrícia Daniela Tomás Cabral.

O Senhor Presidente de Junta de Freguesia de S. Pedro de Rio Seco, José Augusto Martins Lourenço solicitou a sua substituição pelo Secretário, António Joaquim Rodrigues.

O Senhor Presidente da União de Freguesias de Amoreira, Parada e Cabreira, Luís Manuel dos Santos Fonseca solicitou a sua substituição pela Secretária, Carla Sofia Simões Romeiro.

Verificadas as presenças e a existência de quórum, tomada nota das faltas injustificadas de Leandro Giestas Morgado, Presidente de Junta de Freguesia de Freineda e de Paulo Pereira Cardoso, Presidente de Junta de Freguesia do Freixo, bem como da falta justificada de Bruno Ferreira de Sousa, Presidente de Junta de Freguesia de Malhada Sorda, foram abertos os trabalhos da Sessão Extraordinária da Assembleia Municipal de Almeida, a qual teve como único ponto da Ordem de Trabalhos, a Comemoração Solene do 52.º aniversário do 25 de abril de 1974.

Em representação do Executivo Camarário compareceram, o Senhor Presidente da Câmara, António José Monteiro Machado, o Senhor Vice-Presidente Alcino Miguel dos Santos Morgado e os vereadores Isabel Maria dos Santos Pereira, Alexandre Manuel Fernandes Gonçalves e Catarina Manuel Batista Vilhena de Carvalho.

PERÍODO DA ORDEM DO DIA

PONTO ÚNICO – COMEMORAÇÃO DO 52.º ANIVERSÁRIO DO 25 DE ABRIL DE 1974

Procedeu-se, sob orientação do Senhor Presidente da Assembleia Municipal e conforme a prática estabelecida, às intervenções dos representantes dos partidos políticos. Convidou, para o efeito, o **Senhor Paulo Santos, representante do Partido Socialista**, cuja intervenção se transcreve em anexo, passando a constituir parte integrante da presente ata.

“Senhor Presidente da Assembleia Municipal de Almeida, Senhor Presidente da Câmara Municipal,

Senhores Vereadores,

Senhores Presidentes de Junta de Freguesia, Caros Deputados Municipais,

Autoridades Militares, Prezados Municípes

É com um sentimento de profunda responsabilidade e sentida emoção que tomo a palavra nesta sessão solene em que assinalamos o 52º aniversário do 25 de Abril de 1974, que é um dos marcos mais importantes da nossa história coletiva.

Curiosamente, no próximo dia 28 de maio cumprir-se-ão 100 anos sobre o Golpe Militar que derrubou a Primeira República. Esse movimento iniciado em Braga dissolveu o Parlamento e suspendeu a Constituição, instaurando uma ditadura militar que em 1933 evoluiu para o regime autoritário do Estado Novo, liderado por António Oliveira Salazar.

NR
36042
lmei

Seguir-se-iam 48 anos de ditadura, cujo regime autoritário, nacionalista e corporativista, utilizava a polícia política e a censura para silenciar a oposição.

A PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado), além da censura, efetuava o controlo de fronteiras, atuava na repressão, perseguição e tortura de opositores.

A Censura consistia no controlo levado a cabo pelo Estado Novo, que através dela procurava impedir a divulgação de ideias contrárias ao regime. Era feita uma censura prévia, denominada "lápiz Azul" por ser a cor do lápis usado para o efeito, através da qual as publicações, notícias, peças de teatro e filmes tinham de ser submetidos à apreciação dos censores antes de serem publicados ou exibidos. Dessa apreciação prévia resultava a eliminação de frases, artigos inteiros ou cenas que o regime considerava perigosas.

Mas a censura não se limitava à imprensa; ela estendia-se à literatura, à música, à rádio, à televisão e às artes, reprimindo qualquer manifestação cultural não alinhada com o regime, sempre com o objetivo de controlo da opinião pública, moldando a mentalidade dos cidadãos, evitando a discussão política, sempre na tentativa de manter a "ordem" desejada.

A censura veio a ter um efeito imediato que era altamente limitador da liberdade de expressão e da criatividade. Na verdade, pelo medo de serem presos, os autores e jornalistas tendiam a praticar a autocensura nos seus escritos e criações. Assim continham, desde logo, a sua liberdade de expressão por forma a evitarem incómodos e a prisão pela PIDE.

Foi assim que Portugal viveu durante 48 anos sombrios, que trouxeram ao país o medo, a repressão e a guerra, mantendo o povo amordaçado, pobre e analfabeto.

Esse período negro para Portugal e as suas gentes só terminou com 25 de Abril de 1974, com a denominada Revolução dos Cravos.

Com efeito, há 52 anos, um grupo de jovens militares cansados de uma guerra inútil e do regime opressor, devolveu a voz, a democracia e a dignidade ao povo português.

Celebrar abril não é apenas lembrar uma data histórica; é celebrar a ponte que ligou aquele passado de silêncio ao presente de liberdade.

O 25 de Abril de 1974 teve um significado muito especial. Foi o fim da mordaza, mas também do medo da PIDE e da guerra colonial que enviava os nossos jovens para terras distantes.

Estamos aqui para celebrar todas as conquistas de Abril e os valores que dele resultaram.

Desde logo celebramos A LIBERDADE DE EXPRESSÃO, o fim da censura (do "lápiz azul"), da polícia política e do medo das pessoas exprimirem as suas opiniões.

Celebramos também A DEMOCRACIA, a transição para um Estado de Direito, a realização de

eleições livres e pluripartidárias e o respeito pelo princípio da separação de poderes.

Outra das conquistas do 25 de Abril que hoje celebramos também foi A IGUALDADE E A JUSTIÇA SOCIAL, através da criação do Serviço Nacional de Saúde, da Escola Pública universal e da Segurança Social, garantindo que a dignidade humana não depende das possibilidades de cada um, e que o seu respeito é devido a todos sem distinção.

Celebramos também O PODER LOCAL que é, sem dúvida, uma das grandes conquistas do 25 de Abril de 1974, pois a descentralização de poderes e competências veio dar voz às autarquias, permitindo que as populações decidam num conjunto muito alargado de matérias sobre o seu próprio território. As Câmaras Municipais e as Juntas de Freguesia, tornaram-se os pilares da democracia local. Aqui, na Assembleia Municipal, honramos esse legado, debatendo o concelho com a liberdade que nos foi conquistada.

Abril, teve ainda o condão de trazer A PAZ E A DESCOLONIZAÇÃO, através do fim da Guerra Colonial e do reconhecimento do direito à autodeterminação dos povos. De resto, desde 1960 que a Organização das Nações Unidas adotava resoluções nesse sentido às quais o regime de Salazar, numa teimosia incompreensível, foi fazendo sucessivamente orelhas moucas, preferindo fazer a guerra, e sujeitar várias gerações de jovens às agruras da mesma e ao exílio.

Por último, hoje celebramos também A DIGNIDADE DO TRABALHO, alcançada através da consagração de múltiplos direitos laborais, da instituição do salário mínimo e da liberdade sindical, constituindo esta também um dos valores essenciais adquiridos com a “revolução dos cravos”.

Minhas Senhoras e Meus Senhores Assim estamos!

Temos a liberdade de escolher, de opinar, de pensar, de nos reunirmos, de nos associarmos, de lutar pelos nossos direitos, de votar, de participar cívica e politicamente, como hoje fazemos aqui.

Foram conquistas do 25 de Abril de 1974 das quais usufruímos há 52 anos.

Mas não nos iludamos. Estes valores, estas conquistas, estão aí, vivemos com elas e temo-las por adquiridas, quase não damos conta da importância que têm. Pensamos que estão consolidadas e que nunca nos faltarão.

Nada mais errado!

Como se costuma dizer, abril "é mais que uma data, é uma vontade". Manter essa vontade viva é a melhor forma de impedir que o passado autoritário regresse sob novas formas.

Na verdade, os valores herdados do 25 de Abril constituem os alicerces da nossa sociedade moderna. Enumerá-los, como fiz, é recordar o que foi conquistado e compreender por que razão eles devem ser defendidos, em especial contra o crescimento de discursos populistas e de extrema-direita que frequentemente tentam rever a história ou minar as instituições democráticas.

Luís
Luís
Luís
Luís

Atualmente os valores de abril enfrentam ataques insidiosos que exigem de todos uma ação e uma vigilância renovadas.

Com efeito, devemos estar alerta e agir:

- Agir no Combate à Desinformação, pois os discursos populistas utilizam frequentemente a "pós-verdade" para tentarem reabilitar figuras da ditadura ou relativizar a repressão do Estado Novo. Zelar por abril é combater sem tréguas estas tentativas de reescrever a história.

- Devemos também agir na Defesa do Pluralismo, já que a extrema-direita tende a usar um discurso de "nós contra eles", que ataca minorias e instituições democráticas, como o Parlamento ou a Justiça. Defender abril é proteger a tolerância e o respeito pela diferença.

- Devemos agir na defesa da Proteção do Estado Social, pois o populismo explora o descontentamento legítimo com as crises económicas para propor soluções autoritárias ou o desmantelamento de serviços públicos essenciais. Zelar por abril é exigir que a Escola Pública e o SNS funcionem, para que o povo não se sinta abandonado pela democracia.

- Por último, devemos agir através da Participação Cívica: uma vez que o maior inimigo da democracia é a indiferença. Contra o discurso que diz que "são todos iguais". A resposta dos valores de abril é a participação ativa nas assembleias, associações e sindicatos para renovar a legitimidade do sistema.

"Celebrar abril hoje exige mais do que memória; exige vigilância. Os valores que herdámos — a Liberdade de expressão contra a censura, a Democracia contra o autoritarismo, e a Justiça Social que fundou o nosso SNS e a Escola Pública — não são conquistas garantidas para sempre. São direitos que temos de defender todos os dias.

Não podemos aceitar que o descontentamento legítimo de concidadãos nossos seja aproveitado para alimentar o ódio ou para atacar o pluralismo.

Zelar por abril, é rejeitar a retórica que divide o povo entre 'nós' e 'eles'; é reafirmar que a resposta para os problemas da nossa democracia é mais e melhor democracia, e nunca o isolamento e o silêncio.

Contra o populismo da exclusão, dispomos dos valores de abril, como a inclusão e a tolerância.

A democracia é um sistema político que nunca está concluído, precisa constantemente de investimento na defesa dos seus valores. Que a coragem dos capitães de Abril nos inspire a sermos, também nós, capitães do futuro da nossa terra e das nossas gentes.

Viva o 25 de Abril! Viva a liberdade!

Viva o Concelho de Almeida! Viva Portugal!"

De seguida, convidou o Senhor Miguel Pinto, representante do Partido Social Democrata, cuja intervenção se transcreve em anexo, passando a constituir parte integrante da presente ata.

Miguel Pinto
Beato
União

"Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal, Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal, Exmos. Senhores Vereadores,

Exmos. Senhores Membros da Assembleia Municipal, Exmos. Senhores Presidentes de Junta de Freguesia,

Exmas. Autoridades, Convidados e Comissão Organizadora, Exmas. Senhoras e Senhores,

Celebramos hoje, mais uma vez, o 25 de Abril, data maior da nossa História coletiva, que nos devolveu a liberdade, a democracia e a possibilidade de construirmos, em conjunto, o futuro do nosso país.

Em particular, este ano celebramos também algo que lhe está profundamente ligado: os 50 anos da entrada em vigor da Constituição da República Portuguesa de 1976 e os 50 anos do poder local democrático, nascidos na sequência da Revolução dos Cravos.

A Constituição consagrou, no seu título VIII, o poder local. Nesse mesmo ano de 1976, os portugueses elegeram, pela primeira vez de forma livre, os seus representantes locais. Foi dado o primeiro passo para que os municípios e as freguesias se afirmassem como verdadeiros motores de desenvolvimento, proximidade e equilíbrio territorial.

Se hoje temos acesso a água potável, saneamento, eletricidade, estradas, equipamentos públicos, cultura e ação social, muito se deve ao trabalho das autarquias. Muitas vezes, substituindo-se ao Estado, estando sempre próximas das populações, sempre na linha da frente, sempre mais perto de todos.

Também no concelho de Almeida assim foi.

Mas importa dizê-lo com clareza: o caminho não está concluído.

Precisamos, mais do que nunca, de instituições fortes, transparentes, credíveis e próximas das pessoas. Precisamos de dignificar a política e de reforçar a confiança dos cidadãos na democracia. Abril não será cumprido se houver um afastamento entre as políticas públicas e os cidadãos.

Persistem desigualdades profundas no território nacional. O desenvolvimento continua a fazer-se a várias velocidades. Os territórios a que chamamos Interior continuam, demasiadas vezes e cada vez mais, a ficar para trás, sem a concretização de medidas que promovam uma efetiva coesão territorial. Abril não será cumprido enquanto a terra onde se nasce continue a determinar oportunidades diferentes.

A Constituição prevê desde a sua génese uma organização do território mais equilibrada, com regiões administrativas, dotadas de órgãos representativos que permitam aproximar o Estado dos cidadãos. A chamada regionalização continua por cumprir, como um desígnio adiado. Perpetua-se um modelo centralizado que afasta a decisão política das populações e compromete a correção dos desequilíbrios regionais. Abril não será cumprido enquanto os territórios não possuírem ferramentas que lhes permitam afirmar o seu potencial e garantir a

igualdade de oportunidades dos seus cidadãos.

Importa, no entanto, garantir que a regionalização não dê origem a novas formas de centralização, não contribua para agudizar as disparidades entre territórios, nem se traduza numa mera multiplicação de estruturas e cargos políticos sem impacto real na vida das pessoas.

Abril não foi, nem pode ser, um ponto de chegada. Foi um ponto de partida, uma chamada à responsabilidade.

Permitam-me, nesta ocasião, fazer uma homenagem a todos os autarcas do nosso concelho, que o serviram desde a Revolução dos Cravos, tenham sido eles membros da Câmara Municipal, Assembleia Municipal, Juntas de Freguesia ou Assembleias de Freguesia. Pessoas que, abnegadamente e com esforço pessoal, deram o melhor de si para desenvolver e fazer progredir o nosso concelho. Pessoas que defenderam as liberdades de abril e que procuraram aumentar as condições de vida dos cidadãos. Deixamos-lhes a nossa profunda gratidão.

Termino com um poema com mais de duas décadas de alguém que também foi autarca. Um testemunho simples, mas profundamente verdadeiro, sobre o significado da liberdade.

“Vinte e Cinco de Abril

de mil novecentos e setenta e quatro, tiraste a presa ao lobo

que nos vigiou até ao dia vinte e quatro.

Foste um herói imortal

e na rua cantaste a vitória, escrevendo a Portugal

uma página da sua história!

Tiraste as chaves ao carcereiro e abriste as portas da prisão.

Soltaste os prisioneiros

que falavam e tinham razão!

Foste dia de felicidade e bem-haja quem te fez,

pela democracia e liberdade que deste ao povo português!

Também te chamam Dia da Liberdade e no meu coração te quero guardar.

Mas se outra ditadura a quiser roubar, contigo lutarei contra tal veleidade.”

25 de abril de 1999, César dos Santos Pinto

Viva o 25 de Abril! Viva a Democracia! Viva Portugal! Alma até Almeida!”

Por último, convidou o Senhor Alexandre Gonçalves, representante do Partido Socialista, cuja intervenção se transcreve em anexo, passando a constituir parte integrante da presente ata.

“Nunca tivemos a pretensão de falar por falar, dizer por dizer. Na alternância que estabelecemos, eu e a Vereadora Catarina Vilhena, nas comemorações do 25 de abril, procurámos sempre que a nossa participação fosse ao encontro da emoção, da consciência e da responsabilidade em que esta data nos transporta, valorizando sempre assuntos, temas ou

*9/8
march
Beatus
lanc*

referentes que consideramos de alguma importância. Também não é nossa intenção destacarmo-nos por qualquer posição deste ou neste gesto, a não ser o de acrescentar e inscrever palavra no tempo, que acreditamos que venha a ser útil, na reconstrução de uma memória futura, pela nossa passagem nestas funções. Ainda assim, somos sempre levados a questionarmo-nos quanto a este ímpeto, onde somos remetidos na reflexão da Conta Corrente do Vergílio Ferreira, sobre esta necessidade de deixar “marca”.

Mas nesta dimensão e para esta ocasião, no dizer ou no falar, quero convidar-vos a todos a que nos reconcentremos na palavra liberdade, no seu significado, na sua relevância no nosso tempo, no calendário da nossa história, ainda curto, no que respeita à nossa democracia.

Liber no latim partilha a sua origem com o grego, Eleútheros, para ambas significarem livre. Admito que noutras géneses mais remotas, a raiz da palavra já possa ter significado nação, povo, tendo até sido usada para designar “membro do povo não escravizado”, em oposição ao povo escravo. E é com esta base que chegamos ao alcance da evolução, no latim, muito resumidamente, atingindo a Libertas, que se refere ao que é livre, dando origem à nossa “liberdade”.

Nesta liberdade cabe a posse e o direito do indivíduo de fazer escolhas, autonomamente, em concordância com a sua livre vontade. Na nossa tradição cristã a liberdade é muitas vezes identificada com o livre-arbítrio. No âmbito do direito, a liberdade, é relacionada e ponderada em função dos direitos de cada um dos cidadãos. E é nesta orientação que estabelecemos regras e legislamos quanto à liberdade de pensamento, à liberdade de opinião, de expressão, liberdade de imprensa, liberdade de circulação, liberdade religiosa, destacando alguns dos sentidos mais restritos da liberdade, no âmbito do direito, entre muitos outros.

A independência do ser humano, a sua autonomia, a sua autodeterminação, espontaneidade e intencionalidade são também classificações que a liberdade assume no seio da filosofia.

Para Aristóteles a liberdade é sustentada na possibilidade de realizar escolhas orientadas pela vontade. Mas ela deveria sempre ser acompanhada do conhecimento, sendo o conhecimento a ferramenta necessária para ampliar as possibilidades de escolha e tornar o indivíduo mais livre, capacitando-o para realizar a sua finalidade, a busca da felicidade.

No âmbito da filosofia medieval a liberdade está diretamente relacionada com a faculdade do livre-arbítrio; os seres humanos são dotados da liberdade por Deus, para que possam seguir (livremente) os seus ensinamentos e alcançarem uma vida virtuosa, orientada pela fé.

Já no século XX, Sartre afirma que a liberdade é a condição de vida do ser humano. Para ele o princípio do homem é ser livre. Os seres humanos estariam condenados a serem livres, sendo obrigados a realizar escolhas, para construir a sua própria existência.

Esta minha curta e até superficial divagação tem o propósito de reclamar ao tempo a consciência da importância da liberdade. A minha visita aos meandros da filosofia, deixa-me

Handwritten notes:
#10
nota
Bento
Conec.

sempre intimidado diante do Professor José Gonçalves e recorda-me sempre uma amiga que partiu, há seis anos, também ela minha professora, a Aliete, que me dizia quando conversávamos sobre muito e tanta coisa, que Aristóteles tinha sido o último moderno a que ela se dedicara. Aliás, muito se escreveu sobre a modernidade e até a pós-modernidade. Mas na proclamação dos tempos, o que sobra nos nossos dias desta ideia do que é sermos livres e viver em liberdade? A palavra vinga em todas as suas valências? É traduzida nas concretizações dos sonhos, da felicidade, do bem-estar, do olhar comum sobre o bem da humanidade, no conjunto sobre a individualidade? Preza a liberdade os ecos do profano wokismo, quando na sua militância se instala uma dimensão extrema sobre tantas vontades? É a liberdade dos nossos tempos capaz de resistir a todos os seus significados no seio de um desequilíbrio comum da humanidade, pressionada pelo dualismo entre o que é verdadeiro e o que é falso? Sobrevive à injustiça social e ao populismo fácil, mas perigoso e feroz, provindo da verborreia discursiva de tantos?

*nmk
Boatiz
Cenei*

Nas grandes conquistas da nossa revolução, que são 10, nas palavras de João Gouveia Monteiro:

- 1. Universalidade e igualdade dos direitos e deveres de todos os cidadãos;*
- 2. Liberdade de expressão, de associação e de participação na vida pública;*
- 3. Serviço Nacional de Saúde;*
- 4. Educação;*
- 5. Justiça;*
- 6. Acesso ao emprego e direito ao trabalho e à greve;*
- 7. Salário mínimo nacional e subsídio de desemprego;*
- 8. Férias e licenças;*
- 9. Redução do horário de trabalho;*
- 10. O fim da Guerra Colonial.*

Será que nestas conquistas de abril, já realizámos a liberdade que tanto almejamos, ou estas mesmas conquistas desafiam-nos a procurar o que falta fazer, para encontrarmos todos os seus significados?

A liberdade na dimensão filosófica é um caminho e nos dias que passam damo-nos conta que este caminho prossegue e não tem fim. O que alguns tomávamos como eterno, seguro, sólido e robusto, é frágil e merece cuidado, um cuidado continuado.

A este propósito Antonio Scurati diz-nos:

“Uma vez livres da infeliz ilusão da sua suposta eternidade, devemos reapropriar-nos da história da democracia, tornarmos a ser parte ativa dessa história que coincide, ao longo de todo o seu curso, com a luta por ela. Uma luta diária, interminável, incansável.

Dito de outra maneira, devemos herdar o antifascismo dos nossos pais e dos nossos avós.

Uma herança como esta não cai do céu, é preciso ganhá-la, merecê-la, torná-la nossa.

...

Uma árvore de alto porte. É assim que estamos habituados a pensar na democracia. Imaginamo-la como um carvalho, um pinheiro, um choupo. Fomos levados a pensar que só podia ser abatida por um machado ou por um raio.

A democracia é, contudo, mais parecida com a videira e, tal como ela, pede amor e devoção. A videira tem de ser enxertada, podada, regada, protegida dos parasitas e atada aos seus esteios por mãos gentis e fortes. É um trabalho quotidiano, o trabalho de uma vida inteira. Só então esta planta frágil e maravilhosa dará o doce e inebriante vinho da democracia.”

No dia de hoje, onde mais uma vez me sinto privilegiado, convido-vos a todos a procurar a verdadeira essência do significado da liberdade, valorizando tudo o que a revolução de 25 de abril de 1974, prodigiosamente, trouxe a Portugal e aos portugueses.

Encerro com mais uma citação, desta vez da Presidente do México, Cláudia Sheinbaum:

“... Porque há memórias que nunca se conquistam e raízes que nunca se arrancam...”

Viva o 25 de abril

25 de abril sempre!

Viva Portugal!”

ENCERRAMENTO

Após o período de intervenções, o Presidente da Assembleia Municipal expressou o seu agradecimento pelos depoimentos partilhados, referindo, citando-se textualmente:

“Agradeço a todos a vossa presença.

Quero relembrar que a democracia se constrói todos os dias, mas para isso é necessário educação e valores, cabe-nos a todos dar esses valores às gerações que nos seguem, mais que nunca nós seres humanos temos de ensinar esses valores não podemos deixar que um telemóvel feito na China e comandado do outro lado do oceano seja quem dê educação aos nossos filhos. Não podemos deixar que o legado dos nossos pais, avós seja esquecido temos de falar, viver, relembrar porque com os erros do passado aprendemos.

A democracia tem de ter como eixo principal o respeito pelos outros, pelo seu direito a pensar e escolher um caminho de paz.

Ultimamente temos visto nalguns meios de comunicação uma falta de respeito pelos políticos, partidos que crescem com base nessa falta de respeito. Todos devemos pensar que sem políticos não haverá democracia e se criarmos uma cultura em que o bom é falar mal dos políticos, a democracia ficará cada vez mais pobre, pois aqueles que têm valor vão se afastar da

política.

A democracia precisa das ideias de todos e das suas vontades para poder crescer, essas ideias e vontades terão de ser sempre com base no respeito e no bem comum.

Viva o concelho de Almeida!

Viva a democracia!”

Seguidamente, foi formulado um convite à assistência para se deslocar ao Monumento do 25 de Abril, situado no Largo homónimo, com o propósito de homenagear os protagonistas da revolução e todos os intervenientes na construção da democracia portuguesa.

Nada mais havendo a tratar nesta sessão, eram doze horas, do dia vinte e cinco de abril de dois mil e vinte seis, quando o senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal de Almeida, deu por encerrada a presente sessão, da qual, para constar, se lavrou a presente ata que vai ser assinada nos termos da Lei, na sessão seguinte, pelo Senhor Presidente da Mesa da Assembleia Municipal desta sessão, Manuel José Fernandes Gomes, pelo Primeiro Secretário, Mariana de Almeida Estevão, pelo Segundo Secretário, Beatriz Marques Monteiro André, e por mim, Lara Catarina Pereira Gomes, que a subscrevi.

O Presidente da Mesa

Manuel José Fernandes Gomes

O Primeiro Secretário

Mariana de Almeida Estevão

O Segundo Secretário

Beatriz Marques Monteiro André

A Assistente Técnica

Lara Gomes

mtk
Beatriz
lancg